

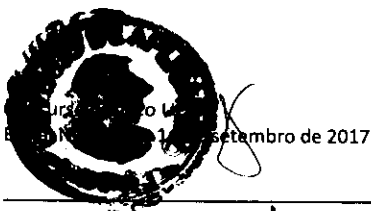
Questão 1:

O ensino escolar de literatura africana de língua portuguesa atualmente no Brasil ainda se mostra um tanto quanto tímido apesar de as leis de diretrizes e bases terem criado a lei que torna o ensino dessa disciplina obrigatório na educação básica. Essa situação está atrelada a dois pontos a serem salientados.

O primeiro deles diz respeito a um despreparo do próprio profissional da educação para lecionar a disciplina. A falta de tempo do professor para se dedicar a estudos e a escassez de oferta de especialização sobre o assunto acabam proporcionando esse despreparo.

Cabe destacar que, no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por exemplo, a disciplina de Literaturas Africanas somente tornou-se obrigatório a partir de 1998 e apenas para os alunos de literatura e em algumas universidades o ensino da disciplina é inexistente.

O segundo ponto não menos importante que se deve destacar trata-se da forma como a literatura africana é abordada nos livros didáticos. O texto é apresentado como um pano de fundo para se trabalhar questões gramaticais e há uma desvalorização



zação do processo de compreensão dos textos e o aluno é visto como um ser passivo na sala de aula. Segundo Luiz Antonio Marcuschi, "o texto é uma proposta de sentido e se acha aberto a várias alternativas de compreensão" (MARCUSCHI, 2003, p. 242) e quando não se dá voz e vez aos alunos resta-se inúmeras possibilidades de compreensão.

Sobre o tratamento da compreensão nos livros didáticos, Marcuschi destaca que "é considerada, na maioria dos casos como uma simples decodificação; as questões vêm misturadas com uma série de outras que não têm relação com o assunto e além disso os exercícios raramente levam a reflexões críticas sobre o texto, não permitindo expansão e construção de sentido" (MARCUSCHI, 2003, p. 266 - 267).

Em suma, o ensino, digo deve-se reconhecer que, no Brasil, o ensino de literatura africana já deu seus primeiros passos, no entanto a quantidade de textos africanos inseridos nos livros didáticos e a importância dada é muito insignificante diante da grandiosidade da produção literária dos poetas africanos.

Questão 2:

no ensino médio, o conteúdo de estru-

Terra/formação de palavras deve dar destaque aos processos abordados nos textos de literaturas africanas, em especial, nos do poeta moçambicano Mia Couto que, tal qual o escritor brasileiro Mário de Andrade, é um assessor de uma linguagem que transpõe para o registro da arte a prosódia, o léxico e a sintaxe coloquial.

O emprego recorrente de neologismos na obra de Mia Couto o fez comparar também a Guimarães Rosa. A valorização da cultura oral é traduzida pelos neologismos, uma forma de concretizar algo que é indizível. Em uma de suas obras, Mia Couto cria o neologismo *alenssonhadas* (*alensoadadas* + *sonhadas*) para qualificar a chuva que caía após um momento de guerra em que a terra encontrava-se completamente arruinada, seca, assim, a chuva, naquele momento era uma benção sonhada pelos africanos que vivenciavam o martírio daquele contexto.

Dessa forma, é importante desenvolver, em sala de aula, propostas cujos conteúdos abordem exercícios de reconhecimento de morfemas empregados na criação desses vocábulos bem como a nomenclatura dos processos de formação de palavras envolvidos, além

de sugerir que os alunos criem neologismos conforme seus contextos situacionais.

Questão 3:

O poema de Afonso Romano de Santana que será exposto lança mão de uma reflexão acerca do papel do leitor que deve ser considerado no tocante aos elementos constituintes do texto literário.

"O leitor e a poesia
Poesia não é o que o autor nomeia
é o que o leitor incendia
não é o que o autor pavoneia,
é o que o leitor colha à colmeia,
não é o ouro na veia, é o que
vem na batéia
Poesia não é o que o autor dá
na ceia,
mas o que o leitor brigueia."

Já, nesse texto, a inclusão do leitor como elemento constitutivo do poema. De acordo com o autor, o leitor tem papel fundamental na consolidação dos sentidos do texto. É preciso oferecer ao aluno do Ensino fundamental II a oportunidade de adquirir estratégias que o levem a compreender um texto literário.

Um exemplo disso seria não trabalhar as disciplinas de língua

Portuguesa, história e geografia sem uma interdisciplinaridade, pois elas podem e são se complementar. O conhecimento do contexto histórico de um texto é algo essencial para seu entendimento. Isso pode ser ratificado por meio da observação de alguns versos do poema de ^{um}Castro Alves e outro de Manuel Rui, poeta angolano.

No poema Vozes d'Africa, de Castro Alves, os seguintes versos "Deus. O Deus! onde estás que não respondes? Em que mundo, em que estrela tu te escondes embuçado nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito, que em balde, desde então corre o infinito... Onde estás, Senhor meu Deus?" traduzem a perplexidade do eu-lírico diante da escravidão dos africanos, mas, para o aluno compreender faz necessário o conhecimento desse fato histórico.

Na literatura africana é recorrente a presença da figura do mar, contudo não faz sentido para o aluno/leitor, leitor/aluno se não fizer parte do seu conhecimento de mundo o fato de o mar ter representatividade boa e ruim para os africanos, tal afirmativa é representada nos seguintes versos do poema Mar novo do poeta angolano Manuel Rui "tudo é fugaz, entre o desenho do teu pé na areia e

a onda que desfaz a marca | nós
e as coisas nada permanece que não
seja necessário para que haja mu-
dança | Que o diga o mar." A pre-
sença do mar nas obras africanas é
uma constante, o mar lembrança
de sofrimento, o tráfico negreiro, as
condições desumanas a que os negros e-
ram submetidos, mas também o mar
sinônimo de mudança, de onde pro-
vem o alimento para sustentar os
africanos para que ocorra essa mu-
dança.

As marcas de oralidade presente
nos textos é um outro ponto que não se
pode deixar de abordar com os alunos,
destacando-se sempre a importância
de saber adequar a linguagem ao
momento. Assim, "tome o texto como
um evento comunicativo em que conver-
gem ações linguísticas, sociais e cog-
nitivas, tal como proposto por Beau-
grande 1997, p.10.